

## O LEITORADO BRASILEIRO EM MANCHESTER: POLÍTICA LINGUÍSTICA E ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

*Daniel Serravallo de Sá*

### RESUMO

Este artigo faz considerações sobre a política linguística do governo brasileiro à luz do programa de Leitorado em Manchester (Inglaterra). O que se oferece é um depoimento da experiência do autor enquanto um agente dessa política cultural. Reflete-se aqui sobre questões em torno da política linguística cultural brasileira e do ensino de português como língua estrangeira.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitorado brasileiro; política linguística e cultural, ensino de português como língua estrangeira (PLE).

**P**ara fins de contextualização deve-se dizer que o Leitorado brasileiro é um programa que financia professores interessados em divulgar a língua e a cultura brasileira no exterior. O programa tem como objetivo a disseminação da variante portuguesa falada no Brasil, o ensino da cultura e da literatura nacional em universidades estrangeiras. A seleção para o cargo é um processo que se dá em três fases. Após a abertura do edital e o envio dos currículos Lattes dos candidatos, a CAPES<sup>1</sup> efetua uma pré-seleção que envolve a análise de mérito e a consistência documental da candidatura. Em seguida, a Divisão de Promoção da Língua Portuguesa (DPLP), uma secretaria dentro do Departamento Cultural do Ministério das Relações Exteriores (DC/MRE),

<sup>1</sup> Sítio da CAPES. Programa de Leitorado. Documento que descreve as regulamentações do Leitorado brasileiro. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/cooperacao-internacional/multinacional/programa-leitorado>>. Acesso em: 21 fev. 2009.

envia os currículos recomendados para as instituições de ensino no exterior. A seleção final cabe à própria universidade estrangeira que escolhe o candidato que mais atende ao perfil acadêmico e ao profissional requerido. A duração do Leitorado é de dois anos, podendo ser prorrogado por mais dois. Concluídos quatro anos consecutivos de atividade, o leitor deverá cumprir um interstício de dois anos antes que possa se candidatar novamente.

Atualmente a rede de Leitorados conta com quarenta e dois programas distribuídos em trinta países.<sup>2</sup> No Reino Unido cada um desses programas possui condições pedagógicas e de subsídio diferenciadas, que são resultados de uma negociação entre o Departamento Cultural do Itamaraty e as universidades estrangeiras. Este autor foi selecionado segundo os critérios do edital DRI/ CGCI nº. 10/2006 e ocupa há quase três anos a posição de leitor na *The University of Manchester*, na Inglaterra. O Leitorado brasileiro na universidade de Manchester integra-se no departamento de *Spanish, Portuguese and Latin American Studies*, na faculdade de *Languages, Linguistics and Cultures*, tendo sido fundado nos anos sessenta. As condições oferecidas pela DPLP foram as passagens de ida e volta (contanto que o Leitor permaneça o mínimo de um ano no posto), e uma bolsa-auxílio no valor de mil e duzentos dólares mensais pagos pela Embaixada do Brasil local. Em contrapartida a universidade de Manchester ofereceu o custo de um PhD e um adicional financeiro (*bursary*), a fim de tornar as condições equivalentes a de um GTF (*Graduate Teaching Fellow*).<sup>3</sup> O doutoramento, a bolsa-auxílio e a *bursary* compunham os três principais elementos salariais do acordo travado, não estavam incluídos alojamento, seguro-saúde ou qualquer tipo de benefício que contemplasse cônjuge e/ou filhos.

A candidatura para o cargo foi uma questão de oportunidade, a seleção uma surpresa agradável e decisão de ir uma das mais difíceis já tomadas. O motivo para tal incerteza deveu-se ao fato de que a Inglaterra é sabidamente

---

<sup>2</sup> Informações tiradas da lista “Relação de Leitorados subsidiados pela DPLP”, fornecida na página “Leitorados” dentro do sítio DC/MRE, que pode ser acessada diretamente. Disponível em: <<http://www.dc.mre.gov.br/lingua-e-literatura/leitorados>> . Acesso em: 20 jan. 2009.

<sup>3</sup> O GTF é um assistente de ensino, sem vínculo empregatício que ministra aulas em troca do pagamento das taxas de um PhD. Seu arranjo contratual tem duração de três anos apenas. Os valores mensais do salário de um GTF em Manchester nos anos 2007, 2008 e 2009 foram respectivamente 1.025, 1.041 e 1.058 libras esterlinas por 28 horas de trabalho. Se as funções de GTF e Leitor são inteiramente compatíveis é uma questão que necessita de debate.

um dos países mais caros do mundo, e o valor financeiro oferecido (bolsa-auxílio mais *bursary*) era, em realidade, muito baixo.<sup>4</sup> O doutoramento, enquanto contrapartida e terceiro elemento “salarial” do acordo, representava, em termo de valores, a metade do salário total a ser recebido pois, a anuidade que as universidades inglesas cobram dos estudantes estrangeiros (*international fees*) é em média três vezes maior do que o valor que cobram de um aluno pátrio ou da comunidade européia. Descontado o valor figurado do PhD, aquilo que seria efetivamente pago em dinheiro por mês implicava uma subsistência modesta, como demonstrou pesquisas de preços na Internet. Como disse o professor Carlos Gohn sobre o aspecto financeiro do Leitorado: “Ser leitor brasileiro, dentro das condições oferecidas, é uma daquelas situações clássicas nas quais, caso pense muito, a pessoa não vai. Daí, leitor é aquele que vai.”<sup>5</sup>

De fato, as condições oferecidas pelo Leitorado brasileiro são inferiores, por exemplo, a outras bolsas subsidiadas pelas diferentes instituições de fomento no Brasil. A título de comparação, a CAPES, enquanto um exemplo de instituição de fomento, oferece bolsas de doutorado cujo valor atual é superior ao da bolsa-auxílio, com a vantagem de ser estabelecida na moeda do país. Para melhor ou pior, o Leitor está sempre à mercê das flutuações do dólar e, por isso, às vezes, está sujeito a constantes negociações salariais com sua instituição estrangeira. Adiante, a CAPES oferece para seus bolsistas seguro-saúde e um complemento financeiro chamado auxílio-instalação. Os benefícios que a CAPES oferece, inclusive a passagem aérea, são estendíveis ao número de dependentes. Tal falta de “isonomia” é difícil de compreender, pois o Leitor brasileiro é um cargo representativo, responsável por ministrar aulas e pela divulgação da cultura brasileira no exterior, coisa que o bolsista CAPES não

<sup>4</sup> A bolsa-auxílio que se oferece para os Leitores na Inglaterra costuma ser mais baixa do que para outros países, apesar do alto custo de vida. Isso pode ser verificado comparando-se os diferentes subsídios oferecidos nos editais. Grosso modo, desconsideradas as conversões cambiais, o poder de compra de um salário de mil libras é comparável ao de um salário de mil reais. Paradoxalmente, o artigo 2º, parágrafo 1º da Portaria Interministerial nº 1 de 20 de março de 2006 regulamenta que, na fixação do valor do auxílio financeiro, é levado em consideração o “custo de vida no local de exercício da atividade docente”.

<sup>5</sup> GOHN, Carlos. O leitorado em Nova Delhi e o ensino de Português Língua Estrangeira na perspectiva da diplomacia cultural. *Boletim do Núcleo de Estudos Asiáticos – Neásia*, Universidade de Brasília. Disponível em: <<http://www.unb.br/ceam/neasia/boletins/boletim51.htm>>. Acesso em: 19 dez. 2008.

tem a obrigação de fazer. O Leitor brasileiro também custa menos ao país, já que a instituição estrangeira entra com parte dos custos. Todavia sabe-se por experiência que a CAPES tende a não dar bolsas para o exterior quando o assunto a ser estudado é de temática brasileira, na área das Ciências Humanas, em particular na área de Letras e Linguística. Alega-se que o melhor lugar para estudar o Brasil é o próprio Brasil (tal argumento só promove a endogenia). Logo, considerados os prós e os contras, a grande vantagem que se apresentava em aceitar o cargo era a oportunidade de poder fazer uma formação no exterior, esperando que alguma coisa boa venha daí. Este autor deve à sua esposa o fato de ter sido ela quem aceitou os riscos de seguir um sonho que não era seu e, uma vez em Manchester, foi o seu trabalho que possibilitou a estadia do casal. Dentro do contexto exposto, o que se pretende discutir a seguir é uma visão pessoal sobre o projeto de política linguística e cultural que é o Leitorado brasileiro. O intuito é oferecer uma reflexão sobre essa experiência de trabalho e sugerir rumos desejáveis para o Leitorado.

Como foi mencionado, não há no momento um protocolo de cooperação comum a toda rede de Leitorados. Dito de outra forma, existe uma ausência de redes internas (conhecimento do trabalho do Leitor anterior) e externas (contatos com outros Leitorados). De uma maneira geral, o resultado é uma condição de isolamento dos Leitorados que seguem trabalhando nas suas respectivas universidades de modo disjunto. Pontos de contato entre as diferentes partes da rede são fundamentais, por exemplo, para que novos Leitores tenham uma noção da história do seu Leitorado, um entendimento das contribuições de quem já passou pela posição e ideias para o seu próprio trabalho. De uma perspectiva mais abrangente, um protocolo de ação conjunta, na forma de redes externas, é essencial para que os Leitores compreendam seu trabalho enquanto parte de um projeto maior de política cultural do governo brasileiro. A falta de unificação que existe hoje se traduz não apenas em condições de trabalho isoladas e, por vezes, muito distintas. A ausência de redes também resulta em diferentes entendimentos dos Leitores sobre o seu próprio trabalho e até mesmo sobre o que é o Leitorado.

Tais dissemelhanças puderam ser observadas no contato com outros Leitores que atuam no Reino Unido, onde há seis Leitorados em funcionamento (Birkbeck, Bristol, Cardiff, Essex, King's College e Manchester). A questão é complexa, pois as universidades britânicas são entidades mistas, mantidas

através de capital público e privado, e atribuem aos Leitores funções muito variadas, até mesmo contratos de trabalho muito díspares no que diz respeito à carga horária e a pagamentos. Um aspecto significativo nessa discussão é que as universidades inglesas interpretam a função do Leitor brasileiro dentro de uma chave muito flexível, e isso acaba gerando as discrepâncias entre os postos. Por outro lado, o motivo dos diferentes entendimentos, em parte, deve-se ao fato de haver grande heterogeneidade no momento profissional dos Leitores que são doutorandos, pós-doutorandos, professores aposentados, professores universitários licenciados. De certa forma, os perfis refletem os objetivos profissionais e isso implica que as pessoas vão se interessar mais ou menos por debater questões como os aspectos financeiros do leitorado ou a criação de um protocolo conjunto de ação em toda rede. Em outro nível ainda, os diferentes entendimentos da função se dão por falha institucional que não explica o que é esperado do Leitor.

A função de Leitor é regida pela portaria interministerial nº 1 de 20 março de 2006 que substituiu a portaria nº 2 de 29 de março de 1999. Todavia, a definição que o documento faz da função é de ordem administrativa e pouco ou nada tem a dizer sobre a atividade do Leitor no seu sentido mais prático (note-se que a proposta não é tornar o Leitor um funcionário público). A implicação é a notável disparidade de funções e atividades desempenhadas pelos Leitores, e os diferentes tipos de inserção nos seus respectivos departamentos ou instituições de ensino. A DPLP tem feito muito para assegurar recursos para potencializar as atividades culturais realizadas no âmbito dos Leitorados e Centros de Estudos Brasileiros.<sup>6</sup> Deve-se a esta secretaria a profissionalização do Leitorado, o que é notável. O Leitor hodierno não tem mais a característica informal, quase filantrópica de antes. Hoje os Leitores são profissionais qualificados que passaram por uma seleção rigorosa em nível nacional e internacional. Obviamente a mudança é positiva já que passou a se dar mais valor à formação dos candidatos. Todavia, a melhor qualificação profissional do Leitor não é suficiente para criar um projeto de política linguística e cultural que deseja ser sólido. É necessário haver metas e prazos, explicação dos objetivos institucionais, treinamentos para o desempenho das funções e fiscalização para

<sup>6</sup> KADRI, Jorge Geraldo. Entrevista para Alexandre Marcos Lourenço Barbosa, jornal *O Lince*, n. 10, outubro de 2007. Disponível em: <[http://www.jornalolince.com.br/2007/out/entrevista/entrevista\\_2.php](http://www.jornalolince.com.br/2007/out/entrevista/entrevista_2.php)>. Acesso em: 21 jan. 2009.

que se garanta que os objetivos estão sendo atingidos. Em parte, percebe-se que é a ausência de um projeto institucional que leva aos diferentes entendimentos sobre o Leitorado.

A opinião acima não pretende ser a de um especialista em gerir negócios públicos, apenas a compreensão intelectual da questão por parte de um professor que está acostumado a desenvolver projetos dentro e fora das salas de aula. E a opinião a seguir não almeja impor uma definição prática de Leitor (essa tarefa não cabe ao autor), mas apenas se posicionar dentro de uma gama de compreensões sobre a função. Acredita-se que o trabalho do Leitor consiste em, obviamente, disseminar a língua portuguesa na variante brasileira. Além disso, caberia ao Leitor organizar simpósios, eventos culturais e literários, promover mostras de cinema nacional, divulgar o exame CELPE-Bras (exame de proficiência do português brasileiro) e trabalhar para a consolidação do Leitorado brasileiro dentro da sua instituição e no mundo. Não se nega que o cargo de Leitor é um instrumento de política cultural, mas se crê que cabe apenas à Embaixada ser o representante oficial para informações e assessoria sobre o Brasil, junto à mídia ou *Foreign Office*. O Leitor não deveria querer ser adido cultural, pois seu âmbito de atuação é o acadêmico. Adiante, o Leitor não poderia usar o Leitorado como porta de entrada para um trabalho em longo prazo dentro da universidade estrangeira, sendo o cargo interino. Em reuniões com outros Leitores que atuam no Reino Unido, na sede da Embaixada do Brasil em Londres, foi proposta a criação de procedimentos comuns para os Leitorados brasileiros no mundo. Discutiu-se a introdução de padronizações mínimas nas atividades dos Leitores, por exemplo, em relação ao preenchimento de relatórios semestrais. Nisso houve muita resistência por parte de colegas que temiam que suas autonomias fossem prejudicadas por tais mecanismos de controle. E debateu-se se seria conveniente que o governo brasileiro normatizasse o Leitorado sem consultar o Leitor e, desconhecendo a(s) realidade(s) das universidades britânicas, como o governo brasileiro poderia estabelecer esses parâmetros? E quais seriam eles exatamente? Alegou-se que é preciso estar ciente das consequências de tal pedido, pois haveria o risco de alguns Leitorados desaparecerem, caso não se enquadrassem no perfil mais tradicional de professor de Português.

A intenção de uma proposta de unificação protocolar não é nem nunca foi tolher a autonomia dos Leitores. A ideia subjacente é que nenhuma insti-

tuição consegue se desenvolver sem que haja níveis básicos de padronização que facilitem a coordenação. Enquanto projeto governamental de promoção da língua portuguesa e da cultura brasileira, o Leitorado necessita de parâmetros institucionais para que não haja distorção das suas funções e para que se alcancem os objetivos de promoção da língua e cultura brasileira. A DPLP já tem feito um grande trabalho, e sobre isso não há dúvidas, mas poderia se desenvolver mais rapidamente se desse maior detalhamento às atribuições profissionais e se instituísse ferramentas organizacionais para o melhor gerenciamento dos Leitorados. Por acreditar que essa é uma condição crucial para o desenvolvimento desse projeto linguístico e cultural, o autor gostaria de sugerir um plano de ação na forma da criação de uma “agenda comum” a todos os Leitorados. Durante dois anos, por exemplo, os Leitores brasileiros se comprometeriam em desenvolver um trabalho que desafiasse a perpetuação dos estereótipos mais comuns dos brasileiros e do Brasil. Dentro dessa agenda, cada Leitor teria a liberdade de desenvolver o trabalho a seu modo, mas, sempre referindo-se a textos e temas relativos à diversidade cultural brasileira. O trabalho desenvolvido pelos Leitores seria apresentado através de relatórios preenchidos com os mesmos critérios e ficaria a cargo da DPLP comentar os resultados (*feedback*), fechando, assim, o ciclo de trabalho. Há dois níveis aqui, um administrativo e o outro pedagógico.

É certo que um projeto dessa ordem necessitaria de investimentos e sabe-se que a falta de recursos é um imenso empecilho para a implementação de projetos. O diplomata Jorge Geraldo Kadri, atual chefe da Divisão de Promoção da Língua Portuguesa, reconhece que “[h]á muito por fazer, especialmente se nós compararmos as ações do DC/DPLP com as das demais entidades similares no mundo: Instituto Camões, Instituto Cervantes, British Council, Instituto Goethe, entre outros”. Kadri explica que “muitas vezes há contingenciamentos, o que acaba por comprometer os nossos planos”.<sup>7</sup> A falta de recursos é um problema que se compreende bem e, dentro de uma perspectiva mais ampla, entende-se que a promoção da língua portuguesa e da cultura brasileira dificilmente serão consideradas prioritárias quando existe um

<sup>7</sup> KADRI, Jorge Geraldo. DPLP e a língua portuguesa. Entrevista para Nilce da Silva, *Revista Eletrônica Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa* (Acoalfaplp), ano 1, n. 1, 08 de agosto 2006. Disponível em: <<http://www.acoalfaplp.net/0001acoalfaplp/a001n-0001n0404entrevista04.html>>. Acesso em: 20 fev. 2009.

orçamento limitado. Todavia há soluções que podem colocar o Leitorado em outro patamar de comunicação e visibilidade, sem onerar o orçamento de maneira significativa. A criação de um sítio na Internet para o Leitorado brasileiro seria um passo importante na implementação de uma rede de comunicação entre os Leitorados. A DPLP já possui uma página na Internet, que poderia se tornar algo maior, funcionando como um “fórum” no qual os Leitores possam trocar informações, materiais didáticos e experiências em geral. Adotando-se um modelo de página, no qual os próprios usuários gerassem o conteúdo (através de uma senha e de um painel de controle), eliminar-se-ia o principal custo que é a necessidade de se ter uma pessoa responsável pela atualização do sítio. A criação de um sítio do Leitorado brasileiro poderia divulgar o trabalho da DPLP, informando o público sobre o trabalho do governo brasileiro em relação à política cultural e linguística, e, também, seria um passo importante na criação de redes que possam tirar o Leitor do isolamento.

Em quase três anos este Leitor fez o possível para enraizar o Leitorado dentro da universidade de Manchester e deixar para os próximos Leitores algo do qual eles possam se beneficiar. Uma pequena biblioteca com 23 títulos sobre linguística e literatura foi criada com a ajuda de doações. Uma parceria foi estabelecida com a revista bilíngue *Jungle Drums*, sediada em Londres. A editora envia cinquenta exemplares mensalmente para Manchester colocando os alunos em contato com um Português moderno e coloquial. As sessões de cinema, intituladas *Friday Films*, foram um sucesso em 2007 e 2008. Contudo, talvez a contribuição mais importante foi o reconhecimento do cargo Leitor brasileiro em Manchester firmado em contrato. Até então a posição não existia oficialmente na instituição, sendo considerada honorária, porque o pagamento vem da Embaixada do Brasil (o adicional financeiro de Manchester não é considerado “salário”, mas bolsa). Foi à custa de muitas negociações e até alguns desentendimentos que tal contrato veio a ser escrito. Este autor fez o que acreditava ser certo e necessário para o enraizamento do Leitorado brasileiro dentro da instituição.

As atividades docentes na universidade de Manchester constaram de quatro disciplinas ministradas para alunos da graduação e seminários para mestrandos. A faculdade de *Spanish, Portuguese and Latin American Studies* tem em torno de dois mil alunos, dos quais um pouco mais de cem optam pelo Português. Dentro desse contexto a disciplina *Portuguese Beginners* foi



oferecida como optativa a todas as habilitações do curso de Letras e atraiu, nas três vezes em que foi oferecida, uma média de sessenta alunos divididos em três turmas (compartilhadas com a Leitora do Instituto Camões). A disciplina *Portuguese Language in Practice*, obrigatória apenas para os que fazem habilitação em Português, nas duas vezes em que foi oferecida, recebeu uma média de quinze alunos por turma. A disciplina *Oral Portuguese* foi oferecida duas vezes para alunos do segundo ano, com média de doze alunos por turma. A disciplina *Brazilian Portuguese* foi oferecida três vezes, com média de quinze alunos por turma, para alunos que estiveram no Brasil durante o seu *year abroad*. Na pós-graduação o seminário *Open-mindedness and Luso Tropicalism: the thought of Gilberto Freyre*, entre todos os seminários oferecidos naquele semestre, foi o que teve o maior número de matrículas.

O ensino da língua portuguesa para falantes de Inglês não é difícil, o vocabulário da língua inglesa tem muitas palavras de origem latina, especialmente quando usado no seu nível mais erudito. O fato de que muitos alunos já possuem alguma experiência prévia com o Espanhol na escola também ajuda. Rapidamente, a maioria dos alunos já consegue ler bem textos curtos, notícias de jornais e, após algum treino, a escrita também flui (apesar dos frequentes hispanicismos). No artigo ‘Um Leitorado nos anos setenta’, o português Américo Guerreiro de Sousa, ex-Leitor do ICALP (atual Instituto Camões), aponta uma realidade dos Leitorados de sua época que ainda é válida hoje. Souza declara que “o Castelhana ocupava naturalmente o lugar de honra no departamento”, e complementa afirmando que as duas línguas “eram também concorrentes, que isto do Castelhana e do Português no mesmo departamento nem sempre é união prudente”.<sup>8</sup> Nesse comentário sobre a relação entre o Leitorado português e o espanhol a implicação é que políticas linguísticas e culturais têm a urgência de uma competição e um quê de batalha. Para pronunciar bem o Português, os alunos ingleses necessitam de atividades fonéticas intensivas para que notem a importância do fenômeno da apofonia no Português falado, pois a alternância morfofonêmica não existe no Espanhol.

<sup>8</sup> SOUSA, Américo Guerreiro de. Um Leitorado nos anos setenta. *Suplemento do JL (Journal de Letras, Artes e Ideias)*, ano XXV, n. 921, 18-31 de Janeiro de 2006. Disponível em: <<http://www.instituto-camoes.pt/encarte/encarte95d.htm>>. Acesso em: 21 fev. 2009.

Outros aspectos da pronúncia inglesa que precisam ser trabalhados são, nomeadamente, as vogais (abertas, fechadas, *ão(s)* e *ões*) e o sons das consoantes X, R, LH e NH. Tematicamente, os esportes em geral, principalmente o futebol, e a música brasileira têm um bom potencial de penetração junto à juventude universitária inglesa. A ecologia, a floresta amazônica e o desenvolvimento sustentável, também são temas que os interessam. Além disso, as favelas e a atuação das ONGs no país são assuntos que geraram debates muito produtivos em sala de aula. Não é preciso muito estímulo para captar-lhes a atenção, mas é necessário desconstruir estereótipos e problematizar os assuntos (Com o que muitas vezes eles acham que estão familiarizados). Também é preciso estar ciente de que esse tipo de trabalho na área cultural só dá frutos a longo prazo.

Em conclusão, ser leitor brasileiro é uma experiência gratificante, ainda que não financeiramente. Este autor considera a oportunidade que teve de falar sobre o Brasil para jovens universitários ingleses uma experiência enriquecedora e um verdadeiro privilégio. No entanto, movido pela vontade de melhorar sempre não pôde deixar de notar a ausência de projeto institucional e escreveu esse artigo visando uma reflexão sobre o trabalho e a uma crítica construtiva para o futuro do Leitorado brasileiro.

#### ABSTRACT

This paper considers the linguistic politics practiced by the Brazilian government in the light of the *Leitorado* in Manchester (England). The author states his experience as an agent of such cultural policy. The author proposes reflections about Brazilian linguistic and cultural politics and about teaching Portuguese as a foreign language.

KEY-WORDS: Brazilian *Leitorado*; cultural and linguistic politics, Portuguese as a foreign language (PFL).

Recebido em 10/05/2009  
Aprovado em 24/08/2009